

RESENHA DE CORBIN, ALAIN. *HISTÓRIA DO SILÊNCIO: DO RENASCIMENTO AOS NOSSOS DIAS*; TRADUÇÃO DE CLÍNIO DE OLIVEIRA AMARAL. PETRÓPOLIS, RJ: VOZES, 2021.

Thiago Costa Guterres¹

Lançado na França em 2016 pela *Albin Michel*, eis que surge no Brasil a tradução do interessante trabalho sobre o silêncio e tudo que ele possa abranger. Uma vez que um livro não se resume ao que está “dentro” dele, como nos ensinou Gérard Genette, é preciso considerar a acertada escolha de colocar na capa da edição brasileira um detalhe da tela intitulada “Leitura” (1892), do pintor brasileiro Almeida Júnior, que pode de início provocar uma certa nostalgia nos mais velhos, e fascínio nos que talvez nem tiveram a oportunidade de desfrutar de uma leitura verdadeiramente silenciosa.

Que o leitor não espere, desse pequeno e inspirador livrinho, uma História do Silêncio nos modos mais tradicionais e abrangentes com os quais estamos acostumados. Não devemos nos enganar com o título. Todavia, não se trata de um embuste, o autor não pretende ludibriar-nos.

Uma História do silêncio? Qual motivo? O historiador das sensibilidades Alain Corbin propõe uma reflexão sobre a busca pelo silêncio, o que pressupõe atitudes diante da natureza, de si mesmo e dos outros. Todos sabemos que nossa época faz diariamente um elogio ao barulho. Mas não se trata de uma simples oposição. Para o autor, engana-se quem pensa que o silêncio se resume à ausência de ruído. Pode-se aprofundar em muito a própria percepção dos belos sons ao redor quando estamos em locais silenciosos, riquezas que os ocidentais sabiam apreciar no passado. Hoje, “a sociedade nos impõe dobrarmo-nos ao ruído, fazendo parte de tudo em vez de escutarmos a nós mesmos. Assim, encontra-se modificada a própria estrutura do indivíduo” (p. 10-11).

E, assim, o historiador parte em sua jornada, prioritariamente baseada em citações recolhidas de escritores de diferentes tempos e lugares buscando o silêncio, percebendo mundos riquíssimos de... som. Sim, há uma imensa gama de sons que surgem no silêncio, que nos proporcionam um encontro mais profundo consigo mesmo, com a natureza (e, por isso, com Deus, no século XVI) e com as coisas do mundo.

1 Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (UFRGS), Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Pinheiro. Contato: tiagocguterres@gmail.com.

Sem imediata referência ao título, a divisão dos capítulos não assume exatamente a passagem do tempo “até nossos dias”. Em vez disso, uma divisão por temas buscando abranger certa quantidade de situações e de iniciativas. Há um *Prelúdio*, um *Interlúdio* e um *Poslúdio*, além de oito capítulos. No capítulo 1, *O silêncio e a intimidade dos lugares*, o autor expõe a busca pelos lugares de silêncio, como o quarto, espaço privilegiado para escritores como Georges Bernanos, Marcel Proust e Rilke, o cinema e a província, onde pode ser realizado o trabalho intelectual mais facilmente do que em Paris. O capítulo 2, *Os silêncios da natureza*, considera a profundidade do espaço e suas texturas particulares, com seus ruídos mais brandos, de acordo com o lugar, ambientes mais calmos onde se pode escutar melhor o mundo ao redor. São assim explorados o deserto, a floresta, o propagado gosto pelo mar, a montanha e a neve no século XVIII, e o mais banal que é o campo, tema tão caro a Balzac, com suas cidadezinhas interioranas. No capítulo 3, *As buscas pelo silêncio*, a atenção é conferida aos séculos XVI e XVII, onde o silêncio se apresenta como condição essencial para a relação com Deus. No capítulo 4, *Aprendizagens e disciplinas do silêncio*, são consideradas as instituições escolares e confessionais, o exército e os códigos de etiqueta, do século XIX, onde se realiza mais claramente o que o autor chama de “processo de dessacralização do silêncio” (p. 109). Na segunda metade deste período, ocorre a diminuição da tolerância ao ruído, uma modificação das sensibilidades, visto que a cidade se amplifica cada vez mais e o barulho dos artesãos, dos comerciantes, dos gritos, dos apitos das usinas, dos cães se multiplica. Após o *Interlúdio* – José e Nazaré ou o silêncio absoluto, curto texto de três páginas que consiste no capítulo 5, lemos o capítulo 6, *O discurso do silêncio*, onde o próprio silêncio é tratado como discurso. Em que medida as palavras podem atrapalhar? Corbin toma como base de sua reflexão o Deus da Bíblia, e os testemunhos “de que ele fala, sobretudo quando se cala” (p. 130). Para além, são considerados aqueles que refletiram sobre o discurso não proferido, sobre a ausência da palavra, como Victor Hugo, Maurice Maeterlinck, Maurice Merleau-Ponty, Paul Claudel e outros, onde entram em cena a pintura, o cinema, a escrita e a mímica. No capítulo 7, *As táticas do silêncio*, são exploradas as estratégias aconselhadas pelos moralistas e pelos que refletiram sobre os benefícios e os prejuízos por parte daqueles que levam uma vida não solitária. Nas relações sociais, falar, ou falar demasiadamente, pode gerar inconvenientes ou vantagens, e a relação disso com a autoimagem e a busca de distinção são consideradas. Calar-se pode ser uma virtude!, e no século XVII, figuras como Baltasar Gracián dedicaram seu tempo na elaboração de uma série de tratados sobre essa arte, verdadeiros manuais europeus da melhor educação. Quanto ao capítulo 8, *Dos silêncios do amor ao silêncio do ódio*, o tema é pensado em torno da sua importância nas relações amorosas, uma vez que as palavras não bastam para os que se amam. É necessário utilizar outras vias de comunicação, como o olhar, pois são os olhos – e não as palavras – que selam o acordo

amoroso. Por isso também motivo de traição, como a que deixa o narrador de *Cécile*, de Benjamin Constant, em profunda meditação, por causa desse acordo por meio da troca de olhares que é feito pela sua esposa não com ele, mas com outro homem. Isso também sugere a angústia, o ódio, a incomunicabilidade e até mesmo o crime. Todos sob o signo do não dito, ao menos em alguns momentos. Essa relação entre o silêncio e o amor se tornou, segundo Corbin, um *leitmotiv* no século XX, e as fontes literárias são abundantes. O livro termina com um *Poslúdio* intitulado *A tragédia do silêncio*, onde é considerado o seu elemento obscuro, gerador de angústia, como a suscitada pelo silêncio de Deus diante das misérias do mundo, o que pode resultar em uma crise da própria fé: “para muitos homens, notadamente no século XIX, o silêncio de Deus é a prova de sua inexistência” (p. 204). Além disso, há o silêncio da morte, do túmulo e da doença, obviamente, levando em conta uma ideia forte do livro, sem excluir o ruído de todas essas situações e lugares.

O que mais podemos extrair, para além da divisão dos capítulos acima exposta? Há a reflexão sobre o silêncio, mas também sobre um outro plano, a saber, sobre as relações entre história e literatura. Nada explícito, em um livro de leitura tão fluída e sem grandes indicativos teóricos e metodológicos. Trata-se mais, fique claro, de uma reflexão em potencial. Pois Corbin toma como base documental um conjunto de citações de numerosos autores, boa parte deles literários.

(...) Ao lê-los, cada um traz a experiência da sua própria sensibilidade. Muito frequentemente, a história pretendeu explicar. Quando se aproxima do mundo das emoções, ela deve, acima de tudo, fazer experimentar, particularmente quando os universos mentais desapareceram. Por isso, muitas citações reveladoras são indispensáveis. Somente elas permitem ao leitor compreender a maneira pela qual os indivíduos do passado experimentaram o silêncio (CORBIN, 2021, p. 10).

O autor não rivaliza com a literatura, vale-se dela para ter acesso às experiências do passado (o que seria um ponto a discutir). Um convite, então, para refletirmos sobre esse gênero não apenas como fonte para uma obra de história, mas sobre ele dar conta de algo que ultrapassa os próprios limites do historiador.

Há também outros pontos favoráveis a destacar, como a fluidez narrativa, as belas referências de autores que refletiram em algum momento sobre a beleza, as vantagens ou a necessidade do silêncio. Entretanto, não é sem uma certa decepção que chegamos às últimas páginas de Corbin. Embora não pretenda esgotar o tema do silêncio do Renascimento aos nossos dias, o título pareceu um pouco pretensioso, e acaba ocultando suas imensas limitações quanto ao recorte do tempo (pois são apenas saltos...), de espaço

(sobretudo, e obviamente, a França e seus entornos; o mundo asiático não recebeu nenhuma menção consistente, a não ser pela via de Chateaubriand, p. 48-49), de fontes (a literatura e a pintura, em menor medida, e a música deixada de lado). Nem mesmo uma análise histórica de como tudo isso que temos hoje foi se desenvolvendo. O leitor pressupõe, pois há indicativos, aqui e ali. A transformação principal ocorreu no século XIX. Não se “vê” no livro um mundo de ruídos a surgir, o nosso, o que ele gostaria de transformar, a julgar pela sua colocação inicial. Ocorre mesmo o contrário: uma ênfase no fato de que hoje há maior proteção contra o barulho nas/das cidades, pelo cuidado, o controle e a legislação (uma referência certamente mais adequada à França do que a nós, brasileiros). Pode-se dizer que se trata então de um livrinho pouco tradicional em sua construção, mas que porta um título bastante tradicional. Resta, no mínimo, a sensação de que se poderia ter ido mais longe, de que há ainda algo por fazer. O que pode ser também um mérito.

Admirar o silêncio e seus pequenos sons, presenciar “o leve ruído da pena que escreve”, como Maurice de Guérin (p. 44), talvez nos seja quase impossível, ou ao menos deslocado do contexto. Quem nunca se sentiu oprimido pela tirania dos latidos dos cães respaldados pelos(as) donos(as), por alarmes tão insistentes a ponto de nem sabermos mais o que pretendem indicar, construções e reconstruções e o “progresso” das cidades? Eis o nosso quadro, aliás, bem pouco criticado pelos críticos. Diante disso, Corbin pretende “contribuir para reaprendermos a fazer silêncio” (p. 12). Poder-se-ia questionar se a obra de história teria realmente esse alcance, se ela ensina, como na *historia magistra vitae*, de Cícero. Ou então, poderíamos questionar se os barulhentos têm o hábito da leitura, o que também nos remeteria ao alcance da nossa disciplina. Talvez seja ilusão esperar tanto de um livro. Mas já seria demais pretender negar que ele possua suas qualidades.

Trata-se de leitura agradável que tem o potencial de despertar no leitor uma certa nostalgia, uma rememoração ao mesmo tempo ficcional e real do silêncio de outrora. Não seria essa uma bela experiência, e também um mérito do historiador que consegue proporcioná-la?

Recebido em: 13/07/2023

Aprovado em: 23/08/2023